

Estudos da Língua(gem)

A história do fonema /s/ do Tupi antigo

The history of the phoneme /s/ in Ancient Tupi

Consuelo de Paiva Godinho COSTA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB/BRASIL

RESUMO

As diferenças mais frequentes entre línguas do ramo Tupi e do ramo Guaraní dizem respeito à mudança das palavras paroxítonas nas línguas Tupi em palavras oxítonas nas línguas Guaraní e à correspondência entre o fonema /s/ do ramo Tupi e o fonema /h/ do ramo Guaraní. Neste trabalho, tratamos da segunda diferença por meio de um estudo diacrônico do processo fonológico que possibilitou gerar, atualmente, línguas Tupi que possuem o fonema /s/ e línguas Guaraní que possuem, além do /h/ esperado, também /s/ “congelado” em certos termos, relacionando o(s) suposto(s) profonema(s) com os desdobramentos encontrados no Tupi Antigo e no Guaraní Antigo, por um lado, e, por outro, no Nhandewa-Guarani, uma variedade Guaraní falada atualmente em São Paulo e norte do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Tupi. Guaraní. Profonemas.

*Sobre a autora ver página 21.

ABSTRACT

The most common differences between languages branch Tupi and Guarani branch relate to changing penultimate stress words in the Tupi Guarani oxítonas words in the languages and the correspondence between the phoneme /s/ Branch Tupi and the phoneme /h/ Branch Guarani. In this work, we deal with the second difference through a diachronic study of phonological process that gave generate currently Tupi languages that have the phoneme /s/ and Guarani languages that have, in addition to /h/ expected, also /s/ "frozen" in certain terms, relating the (s) alleged (s) protofonema (s) with the unfolding found in Old Tupi and Guarani Old, firstly, and, secondly, in Nhandewa-Guarani, Guarani currently a variety spoken in São Paulo and northern Paraná.

KEYWORDS: *Phonology. Tupi. Guarani. Prophonemes.*

1 Introdução

Os estudos sobre as línguas do tronco linguístico Tupi nos permitem supor com bastante convicção que, em algum ponto do passado, existiu uma protolíngua que foi a origem comum ascendente das línguas da família Tupi-Guarani: o Proto-Tupi-Guarani. Acredita-se também que, em algum momento da história pré-colombiana, ocorreu uma separação nessa protolíngua, que originou duas outras protolínguas, que resultaram em dois grandes ramos linguísticos: o Proto-Tupi e o Proto-Guarani.

Nossa questão inicia-se justamente nesse momento do desdobramento do Proto-Tupi-Guarani nos ancestrais dos ramos linguísticos Tupi e Guarani. Na literatura a respeito¹, as diferenças mais frequentemente apontadas entre línguas do ramo Tupi e línguas do ramo Guarani são duas: a mudança das palavras paroxítonas nas línguas Tupi em palavras oxítonas nas línguas Guarani (pela queda da sílaba átona final das primeiras) e a correspondência entre o fonema /s/ do ramo Tupi e o fonema /h/ do ramo Guarani.

Este trabalho é uma retomada de um dos capítulos de Costa (2003) e procura tratar do segundo ponto, fazendo um estudo diacrônico do

¹ Ver, por exemplo, Rodrigues (1945) e Edelweiss (1947).

processo fonológico que possibilitou gerar, atualmente, línguas Tupi que possuem o fonema /s/ e línguas Guarani que possuem, além do /h/ esperado, também /s/ “congelado” em certos termos.

A questão, então, é relacionar o(s) suposto(s) protofonema(s) com os desdobramentos encontrados no Tupi Antigo e no Guarani Antigo, por um lado, e, por outro, no Nhandewa-Guarani, uma variedade Guarani falada atualmente em São Paulo e norte do Paraná, língua com a qual trabalhamos desde 1998. Existe a possibilidade de, na protolíngua, ter havido duas fricativas que se efetivaram, como traços “dialetais”, na histórica separação entre os ramos ou, ao contrário, poderíamos ter uma protolíngua com um único fonema que se desdobrou em dois na “separação” entre os dois ramos linguísticos.

2 O “proto-s” e o “proto-h”

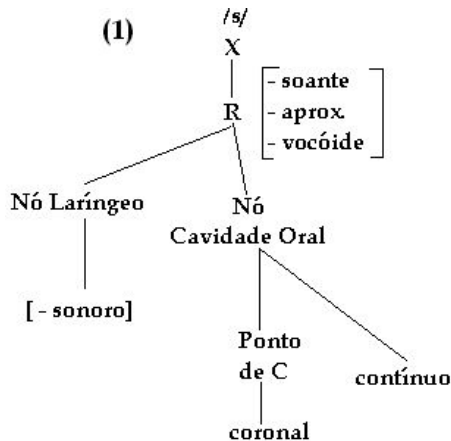
Não seria um posicionamento indefensável explicar o surgimento de dois fonemas a partir de dois segmentos ancestrais, semelhantes, porém, diferentes. Isto representaria uma grande economia para interpretar o desdobramento do fonema /s/ presente no ramo Tupi tanto em /h/ quanto em /s/ remanescente, no ramo Guarani. Apesar de facilitar o tratamento da questão da “resistência”, em certos casos, à mudança de /s/ para /h/, essa análise não é de todo viável se nos questionarmos sobre quais fricativas poderiam gerar tanto /s/ quanto /h/, de forma natural e plausível foneticamente. A resposta, talvez, fique restrita aos mesmos /s/ e /h/, além de /ʃ/, do inexistente /f/ e de /β/. Na bibliografia, essa divergência deu origem a discursos defensores do “proto-s” e defensores do “proto-h”. Autores como Frederico Edelweiss argumentam que seja /h/ o fonema arcaico do Proto-Tupi-Guarani: *“Quanto ao fonema h, aceita-se em geral que é o mais primitivo, comparado com o s de outros dialetos tupi-guaraní.”* (1947, p. 97).

Já autores como Rodrigues (1945) e Jensen (1989) argumentam a favor do arcaísmo do fonema /s/:

[...] o fonema primitivo, o fonema proto-tupi-guarani, é s, fricativa dental surda, enquanto que h não foi conhecido no proto-tupi-guarani, tendo surgido nos dialetos proto-guarani (ou no próprio proto-guarani, provavelmente) (RODRIGUES, 1945, p. 342).²

Se, por outro lado, pensamos na relação entre os dois fonemas, /s/ e /h/, fica-nos relativamente claro que o primeiro, ao perder seus traços de cavidade oral, realiza-se como o segundo. Isto não esgota a questão, já que ambos poderiam gerar tanto um quanto outro fonema, porém parece mais viável a perda de um nó Cavidade Oral do que o surgimento de um, a não ser que isso fosse motivado por um contexto “muito favorável” para esta aquisição, em temos autosegmentais. Portanto, é mais simples e plausível que o fonema /s/ perca seus traços da cavidade oral e se torne /h/, do que o contrário.

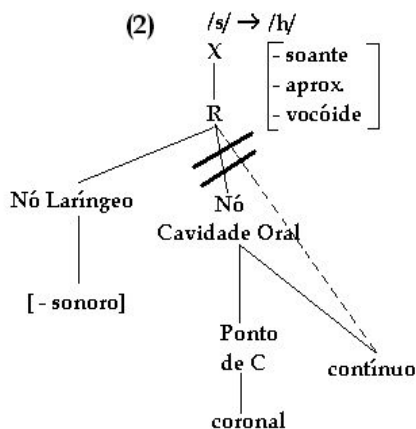
Em (1), está representada a geometria hierárquica dos traços distintivos do fonema /s/:



Edelweiss (1947, p. 101-104) destaca que fazem parte dos “Dialetos de S”, além do próprio Tupi Antigo, o Guarayo, o Omágua e o Kokáma.

² Em estudo mais atual, Rodrigues (2007, p. 172), o autor considera que o protofonema correspondente no Proto-Tupi era /**t²/ e no Proto-Tupi-Guarani era /*t/.

Em línguas como o Guaraní Antigo, o Avanheém, o Mbyá e outros, houve um desligamento do nó supralaríngeo (se o admitimos) ou do nó Cavidade Oral – CO – se adotamos Clements e Hume (1995). Em (2), está representado o processo diacrônico de desligamento do nó Cavidade Oral, o que transforma /s/ em /h/:



Nota-se ainda em (2) que, no processo de conversão da fricativa alveolar surda em fricativa glotal, para esta última, o traço [+contínuo] deverá ser “re-ligado” diretamente ao Nó Raiz, o que está representado pela linha pontilhada. Como a fricativa glotal não apresenta nenhuma obstrução na cavidade oral, ela não possuirá em sua representação o Nó Cavidade Oral. Esse nó, no modelo de Clements e Hume (1995), subordina o traço [±contínuo]. De fato, a adoção, feita aqui, do traço [contínuo] ligado diretamente ao Nó Raiz possibilita uma melhor interpretação da conversão do fonema /s/ no fonema /h/³.

Deixando as protolínguas um pouco para trás, é mais prudente tratarmos de línguas das quais temos registros e, sendo assim, a situação inicial é a seguinte: no Tupi Antigo, encontramos apenas o fonema /s/, grafado por Anchieta ([1595] 1990) como ‘ç’⁴; no Guaraní

³ Eventualmente pode-se considerar que [+contínuo] seja a realização “default” da constricção glotal.

⁴ Já que, naquela época, o grafema ‘s’ tinha o valor da fricativa palatal [ʃ] do português de Portugal, como nos lembra Edelweiss.

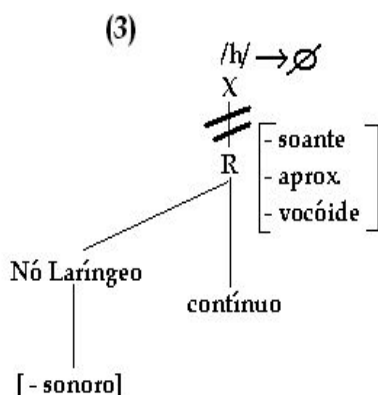
Antigo, Montoya nos aponta os dois fonemas coexistentes /s/ e /h/⁵. Isto é, grande parte das realizações do /s/ do Tupi correspondiam (e correspondem até hoje) em Guarani a realizações do fonema /h/. Todavia, numa quantidade não desprezível de termos, o que se verifica é a conservação do fonema /s/ Tupi, tanto no Guarani Antigo (descrito por Montoya), quanto no Guarani paraguaio contemporâneo, ou no Mbyá, por exemplo.

No Nhandewa-Guarani paulista-paranaense atual, observa-se uma situação diferente: os termos que, nos outros dialetos Guarani, mantêm o /s/ correspondente ao Tupi, no Nhandewa são realizados como a consoante africada [ts], isto é, o fonema /s/ adquiriu um contorno [-contínuo]; já nos termos em que, nas línguas Guarani, o fonema /h/ corresponde ao fonema /s/ encontrado nas línguas Tupi, no Nhandewa este fonema /h/ foi completamente eliminado, sem ter sido substituído por qualquer outro. Este é um fato novo na fonologia das línguas Guarani.

Um estudo de Guedes e Minatel, de 1996, traça uma comparação das ocorrências do fonema /s/ no Tupinambá e sua relação com as ocorrências de /h/ no Guarani Antigo, no Avanheém, no Kaiwá, no Mbyá e em dois dialetos Nhandewa paranaenses (diferentes da variedade aqui analisada), um do Rio Ocoí e outro descrito por Dooley (1988; 1991) (também dialeto do norte do PR). Este estudo mostra que, nos dialetos Nhandewa, principalmente, e no Mbyá, com uma frequência menor, o fonema /h/ alterna com Ø.

Isto nos permite dizer que o Nhandewa-Guarani de São Paulo e do norte do Paraná é a única variedade Guarani que apagou o fonema /h/ completamente da sua fonologia. No nível autosssegmental, o que ocorreu nessa língua para o apagamento da fricativa glotal foi a perda do Nó Raiz do fonema, como é representado pela regra de apagamento em (3).

⁵ Rodrigues (1945, p. 341-342) apresenta as observações de Montoya sobre a correspondência entre os dois fonemas: “*La H. y La C. (ante E) se suelen usar una por otra*”; no correr do texto, apresentam-se vários vocábulos em que foi indicada a dupla possibilidade de pronúncia: “*He(n), Salida, 1. Ce(n). Ahe(n), yo saigo, aunque no se usa em muchas partes, sino ace(n)*” (MONTTOYA, in: Tesoro de La lengua Guarani, p. 146v, apud RODRIGUES (1945)).



A fricativa glotal desaparece completamente, e as duas vogais adjacentes permanecem lado a lado, porém, em sílabas diferentes, como pode ser observado em termos como [kwaɾaʔ] e [kweʔɛ] e nos demais dados da tabela 2, adiante. Sendo esse o processo, a posição temporal X permanece e é usada para alongamento compensatório da vogal remanescente.

A seguir encontram-se duas listas de palavras que ilustram as situações. Nelas, apresenta-se uma análise comparativa entre termos do Tupi⁸ e os termos correspondentes em Guarani⁹ e no Nhandewa¹⁰:

⁶ Correspondente a /kwaɾaʔsi/ → /kwaɾaʔhi/ “sol”.

⁷ Correspondente a /kweʔɛ / kweʔhe / “ontem”.

⁸ Estas formas são retiradas da bibliografia (ANCHIETA ([1595] 1990); FIGUEIRA (1878); RODRIGUES (1945, 1986, 2003, 2007); EDELWEISS (1947); BARBOSA (1956), etc.), cuja grafia diverge em vários pontos. Por isso e para facilitar a comparação, uso a transcrição fonológica como forma de “homogeneizar” as formas, o que não traz nenhuma perda para a interpretação.

⁹ Trato aqui de maneira generalizada das línguas Guarani que mantêm o /s/ correspondente ao Tupi, por praticidade na comparação, já que esta correspondência é observada em línguas como o Avanehéem (no Paraguai), o Mbyá, o Kaiowá e outros dialetos Nhandewa (no Brasil). As formas desta coluna, também baseadas na literatura (MONTROYA ([1640] 1993); RODRIGUES (1945, 1986, 2003, 2007); EDELWEISS (1947); GREGORES; SUÁREZ (1697); GUEDES; MINATEL (1991, 1993), etc.), estão grafadas de forma a auxiliar o efeito comparativo.

¹⁰ Dados recolhidos por mim com falantes nas aldeias de São Paulo e Paraná.

Tabela 1: /s/ Tupi : /s/ Guarani : /ts/ Nhandewa-Guarani

Tupi	Guarani	Nhandewa	Português
/ja'si/	/ja'si/	/ja'tsi/	lua
/sã/	/sã/	/tsã/	corda
/-a'si/	/a'si/	/a'tsi/	doença
/-e'sa/	/e'sa/	/ε'tsa/	olho
/gwa'su/	/gwa'su/	/gwa'tsu/	grande
/sem/	/sẽ/	/tsẽ/	sair
/ki'se/	/ki'se/	/ki'tsɛ/	faca
/su'ʔu/	/su'ʔu/	/tsu'ʔu/	morder
/si/	/si/	/tsi/	mãe
/sem/	/sẽ/ ou /hẽ/	/tsẽ/	sair

O último item, “/sẽ/ ou /hẽ/”, aponta para um momento de “transição”, já que a mudança, no Guarani, é fluante e, no Nhandewa, ela recua. Este dado, especificamente, é fornecido por Edelweiss (1947:98), e sua realização no Nhandewa surpreende por apresentar a realização [tsẽ], e não *[ẽ] como seria esperado.

Tabela 2: /s/ Tupi : /h/ Guarani : /∅/ Nhandewa

Tupi	Guarani	Nhandewa	Português
/kwara'si/	/kwara'hi/	/kwara'i/	sol
/kwe'se/	/kwe'he/	/kwe'ε/	ontem
/sa'tã/	/ha'tã/	/a'tã/	duro
/a'sa/	/a'ha/	/a'a/	eu vou
/mbosa'pit/	/mboha'pi/	/mboa'pi/	três
/so'ʔo/	/ho'ʔo/	/o'ʔo/	carne
/se'mbe/	/he'mbe/	/ε'mbɛ/	lábio
/se'ta/	/he'ta/	/ε'ta/	muitos
/ase'ndu/	/ahe'ndu/	/aε'ndu/	eu escuto
/sa'ku/	/ha'ku/	/a'ku/	quente
/mo'sang/	/mo'hang/	/mo'ã/	remédio
/sa'po/	/ha'po/	/a'po/	raiz (dele)

3 Conclusão

Na ocasião da apresentação e discussão do sistema fonológico do Nhandewa [Cf. COSTA (2003)], chamamos a atenção para certa tendência nessa língua de eliminação da série das fricativas, se comparada com outras variedades Guarani, como o Mbyá e o Avanheém: a

labiodental /v/ converteu-se na aproximante /w/; a alveolar /s/, na africada /ts/; a palatal /ʃ/ transformou-se na africada /tʃ/; e a fricativa glotal /h/ desapareceu completamente do sistema. Todas essas mudanças fonológicas são marcas dialetais do Nhandewa-Guarani paulista-paranaense, língua que não privilegia a oposição *contínuo x descontínuo*¹¹.

Como o Nhandewa parece ser a única variedade Guarani que exclui completamente o fonema /h/ de sua fonologia, tudo indica que era justamente este fonema que ocupava a lacuna que existe no quadro fonológico das consoantes, proposto em Costa (2003, p. 46) e reproduzido no quadro, se seguir:

Obstruinte	p	t	ts	tʃ	k	kw	?
Soante	mb	nd	ɾ	j	ɰ	w	

Quadro 1: Quadro fonológico das consoantes, proposto em Costa (2003)

É interessante observar que, apesar de abrir uma lacuna e criar assimetria no quadro fonológico, a mudança processou-se em razão de um imperativo maior: a eliminação das obstruintes contínuas.

Também parece correto concluir, com base nos dados, que, na protolíngua comum, haveria somente uma fricativa, /s/ – a qual deu origem a duas: /s/ e /h/ –, podendo ficar descartada a possibilidade de interpretar as realizações de /s/ remanescentes nas línguas Guarani como descendentes de outra fricativa, que não o mesmo fonema /s/. Isto é confirmado por alguns dados extraídos da literatura: o termo tupi /sa'si/ “doença”, em Guarani tem a forma /ha'si/ e, em Nhandewa, o

¹¹ De fato, a não ocorrência de algumas fricativas no Tupi Antigo já havia sido notada por vários estudiosos, em geral padres jesuítas, ao descreverem a “Língua Brasília”, ainda no século XVI. Vejam-se, por exemplo, as colocações de Gabriel Soares de Sousa a respeito da ausência das fricativas labiodental [f] e velar [x], além da lateral [l]:

“Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são mui compendiosas na forma da linguagem, e muito copiosas no seu orar; mas faltam-lhes três letras das do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque, se não têm F, é porque não têm fe em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fe em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm L na sua pronúnciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns com os outros. E se não têm esta letra R na sua pronúnciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade; para dizerem Francisco dizem Pancivo, para dizerem Lourenço dizem Roreço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocabulos em que entram essas três letras” (SOUSA, 1987).

esperado, [aʔs̃]. Porém, dados do Guajajara, do Temb e e do Parintintin¹² mostram as formas *hab i*, no Guajajara e no Temb e; *hab y*, no Parintintin¹³. A mesma interpretação pode ser dada para o termo Tupi /se'sa/ “olho dele”, que, em Guarani, realiza-se como *hes a* e, no Guajajara e Temb e, *heb a*. No Nhandewa, a correspondência se mant m: [eʔtsa].

Uma palavra que apresenta o fonema /s/ em duas sílabas consecutivas nos permite mostrar que, em algumas línguas, a conversão para /h/ aconteceu somente na primeira ocorrência de /s/ e, em outras, as duas ocorrências foram afetadas. Se isso   possível,   muito provável que o fonema arcaico que originou os atuais /s/ e /h/ fosse um único, e não dois fonemas diferentes.

Encontramos ainda outros termos nos quais a mudança   flutuante, ou melhor, ocorreu de maneira diferente em cada língua. Os termos registrados no Tupi como * y* (/s i/, fonologicamente) “mãe” e *us * (/u'su/ na representa o fonológica) “grande”, mant m o /s/ em Guarani. No Nhandewa, ocorre a esperada mudança para a africada /ʔs/ ([ʔs i] “mãe” e [uʔtsu] “grande”), entretanto, no Guajajara e no Temb e, temos a forma *hi* (/hi/) e a forma similar *hy* (/hi/) no Parintintin, o mesmo ocorrendo com o termo *us *, que se realiza como *ub * /u'hu/ tanto no Guajajara quanto no Temb e e no Parintintin.

Entretanto, a questão não se esgota aqui já que permanecem perguntas, até certo ponto, iniciais:

(I) Por que, apesar da conversão do fonema /s/ do Proto-Tupi em /h/ no Proto-Guarani, algumas realiza es de /s/ permanecem inalteradas até hoje em línguas Guarani?

(II) Por que uma mudança fonológica tão marcante na separa o entre Tupi e Guarani, não ocorreu completamente? Ou ainda:

(III) Qual o motivo de as palavras Tupi que possuem o fonema /s/ em duas sílabas consecutivas, como /sa'si/ e /se'sa/, terem convertido ora uma, ora outra, ora ambas as realiza es de /s/ em /h/?

¹² Dados do Guajajara, de Roberts e Symes; do Temb e de Rice; e do Parintintin de Nimuendaju, citados em Edelweiss (1947, p. 98).

¹³ As representa es ortográficas foram mantidas como nos registros dos autores, porém as representa es fonológicas seriam, respectivamente: /ha'hi/ para o Guajajara e também para o Temb e e /ha'hi/ para o Parintintin.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de, Pe. **Arte de Gramática da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola, 1990.
- BARBOSA, A. Lemos. **Curso de Tupi Antigo**. Rio de Janeiro: São José, 1956.
- CLEMENTS, G.N.; HUME, Elisabeth V. **The internal organization of speech sounds**. In: Goldsmith, J. (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge/MA: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- COSTA, Consuelo de Paiva G. **Nhandewa Aywu**. Campinas: UNICAMP, 2003. 133 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- DOOLEY, Robert. **Textos Guarani** (Dialeto Mbyá). Brasília: Summer Institute of Linguistics, Acervo do CEDAE, IEL – UNICAMP, 1988.
- DOOLEY, Robert. **Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva-Guarani Contemporâneo**. Brasília: Summer Institute of Linguistics. Arquivo Lingüístico no. 197. Acervo do CEDAE, IEL – UNICAMP, 1991.
- EDELWEISS, Frederico G. **Tupís e Guaranís**: estudos de etnonímia e lingüística. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde (Publicações do Museu da Bahia, n. 7), 1947.
- EDELWEISS, Frederico G. **Estudos Tupis e Tupi-Guaranis – Confrontos e Revisões**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.
- FIGUEIRA, Luís. **Grammatica da Língua do Brasil**. Reprodução fac-similar por J. Platzmann. B.G. Taubner: Leipzig, 1878.
- GREGORES, E.; J. SUÁREZ. **A description of colloquial Guaraní**. Mouton: The Hague, 1967.
- GUEDES, Marymarcia. **Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbya**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- GUEDES, Marymarcia; MINATEL, Maria Inês. Nhandéva: Breves Comparações de Aspectos Fonológicos. **XXV Anais de Seminários do GEL**. Taubaté, 1996. p. 558-562.

JENSEN, Cheryl Joyce S. **O desenvolvimento Histórico da língua Wayampi**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Arte de la Lengua Guarani Introdução e notas**: Bartomeu Meliá. Transcrição atualizada: Antonio Caballos. Asunción: CEPAG, 1993 [1640].

NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich & Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec/USP, 1987.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Fonética Histórica Tupi-Guarani**: Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. Arquivos do Museu Paranaense. Curitiba, IV, 1945.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. **Revista Letras de Hoje**, n. 134, p. 11-24, 2003.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As Consoantes do Proto-Tupí. In: CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A. D. (Org.) **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. p. 167-203.

RODRIGUES, Daniele M. **Grannier. Fonologia do Guarani Antigo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

Recebido em março de 2013.

Aprovado em junho de 2013.

SOBRE A AUTORA

Consuelo de Paiva Godinho Costa é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2007), mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2003) e graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Atualmente é professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL-UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. Tem experiência em área de Linguística, na área de Língua Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: fonética e fonologia, língua indígena, nasalização. Além de morfologia, produção de texto e educação escolar indígena, entre outras.

E-mail: consuelopaiva@gmail.com